

MÁRIA SABINA CENTEIO VIEGAS

**Relação entre Personalidade, Excitação Sexual e Resposta
Emocional mediante a Exposição a um *Clip* de Violação:
Evidência numa Amostra de Homens da Comunidade**

Orientador: Professora Doutora Joana Carvalho

Co Orientador: Professor Doutor Pedro Joel Rosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

MÁRIA SABINA CENTEIO VIEGAS

**Relação entre Personalidade, Excitação Sexual e Resposta
Emocional mediante a Exposição a um Clip de Violação:
Evidência numa Amostra de Homens da Comunidade**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do
Grau de Mestre em Psicologia Forense no curso de Mestrado
de Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias, no dia 06 de janeiro de 2021
perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral
nº279/2020, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Andreia Machado

Arguente: Prof. Doutor Nélio Brazão

Orientador: Prof.^a Doutora Joana Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

Mária Sabina Centeio Viegas

Relação entre Personalidade, Excitação Sexual e Resposta Emocional mediante a Exposição a um Clip de

Violação: Evidência numa Amostra de Homens da Comunidade

Esta dissertação foi realizada no âmbito do
Projeto FEMOFFENCE (PTDC/PSI-
GER/28097/2017).

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:



Para a minha mãe,
um exemplo de força e coragem, que tornou possível a
concretização dos meus objetivos, apesar de todos os
momentos difíceis por que passamos ao longo desta jornada.

Agradecimentos

Agradeço aos meus orientadores, especialmente à Professora Doutora Joana Carvalho pela prontidão e empenho que demonstrou no apoio à concretização desta dissertação e por ter acreditado no meu potencial, oferecendo-me a oportunidade de iniciar um dos meus maiores objetivos profissionais: a investigação científica (por isto, agradeço-lhe também a si, Professor Doutor Nélcio Brazão).

Quero agradecer também, do fundo do meu coração, à minha mãe: o maior exemplo de bondade, força, coragem e dedicação que alguma vez tive. Sem ela, nada disto seria possível. Sem ela, não seria a pessoa que sou hoje. Estou-te eternamente grata, mãe.

Agradeço ao meu namorado, Bruno, por me ter acompanhado ao longo de todo o meu percurso académico (e já há seis anos): animou-me, deu-me força, acreditou em mim mais do que eu própria em algumas ocasiões, demonstrou interesse pelas minhas conversas chatas sobre o comportamento humano, sobre a personalidade, sobre as minhas explicações para os fenómenos que iam ocorrendo. Chorou e riu comigo, aturou-me! Agradeço também à sua família: Sandra, José, Ângela, Gustavo e Matheus, por sempre me terem recebido de braços abertos.

Agradeço ao meu irmão, Luís, e à sua namorada, Beatriz, por terem sido os melhores colegas, amigos e companheiros de casa. Por ouvirem as minhas lamentações e por tornarem menos solitária a minha estadia por Lisboa.

Agradeço ainda a todos os meus amigos e colegas. À Patrícia, à Alexandra, à Catarina, ao Nuno, ao Pedro e à Liliana por me acompanharem, por sofrerem e reclamarem tanto quanto eu e, acima de tudo, por me terem proporcionado os melhores momentos que tive em Lisboa. Nunca esquecerei a nossa amizade e cumplicidade. Um grupo que é tão diferente, mas que acabou por se tornar tão unido. Ao José, por me ter ajudado a desanuviar a cabeça quando mais precisava, por me ensinar a desfrutar dos momentos, sem pensar em mais nada. Por me ter feito cometer as maiores loucuras e por me ter apresentado à Maria, à Filipa e ao Alberto, aos quais também agradeço, pelas noites descontraídas no Tília e no Dom Giovanni. Agradeço ainda à Adriana e à Mariana, que apesar da distância, estiveram sempre presentes. Obrigada pelas nossas conversas, pelos desabafos. Por toda a força que me deram e por me fazerem acreditar nos meus sonhos.

Por último, e porque esta dissertação é o culminar de cinco anos de aprendizagem, quero agradecer ao ISMAT e à ULHT e a todos os professores que me acompanharam e que sempre acreditaram no potencial dos seus alunos. Obrigada pela forma cuidada como fizeram

Mária Sabina Centeio Viegas

Relação entre Personalidade, Excitação Sexual e Resposta Emocional mediante a Exposição a um Clip de

Violação: Evidência numa Amostra de Homens da Comunidade

passar os conhecimentos, ensinando-nos mais do que simples matéria: ensinaram-nos boas práticas profissionais, ensinaram-nos a nunca descurar o nosso lado humano, empático e a nunca desistir dos nossos sonhos, dos nossos objetivos, apoiando-nos e ajudando-nos sempre que possível.

Esta dissertação é também um bocadinho de todos vós.

Resumo

O consumo de pornografia tem sido associado a comportamentos de risco de violência sexual, nomeadamente através da personalidade e do afeto. Por isto, este estudo pretende compreender o papel da personalidade na forma como os indivíduos do género masculino respondem emocionalmente à observação de *clips* de violência sexual e de violência física contra a mulher. Participaram neste estudo 30 estudantes do género masculino. Os resultados revelaram uma associação negativa entre a amabilidade e conscienciosidade e a excitação sexual, e uma associação positiva entre o neuroticismo e a excitação sexual, ambas para o clip de violência sexual. Verificou-se também uma associação negativa entre a amabilidade e a conscienciosidade face ao afeto positivo, e entre a amabilidade e a conscienciosidade face à excitação sexual no clip de violência física. A principal potencialidade do estudo prende-se com o facto de vir abrir portas à investigação na área, podendo vir a proporcionar evidência relevante no âmbito da perpetração de violência contra as mulheres.

Palavras-Chave: Personalidade; Afeto; Excitação Sexual; Violência Sexual; Violência Física.

Abstract

Literature reports that the consumption of pornography is associated with a risk of sexual violence, namely through personality and affect factors. Therefore, this study aims to understand the role of personality in emotional responses to rape in men through the observation of a clip displaying sexual violence versus physical violence against woman. Thirty male students participated in this study. The main results revealed a negative association between agreeableness, conscientiousness and sexual arousal, and a positive association between neuroticism and sexual arousal, regarding the sexual violence clip. There was also a negative association between agreeableness, conscientiousness and positive affect, and between agreeableness, conscientiousness and sexual arousal to the physical violence clip. The main potentiality of this study is opening new veins of research in the area, providing relevant information regarding the perpetration of violence against women.

Key-Words: Personality; Affect; Sexual Arousal; Sexual Violence; Physical Violence.

Índice Geral

Índice de Quadros.....	10
CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	11
1. A Pornografia na Agressão Sexual.....	12
2. Fatores Moderadores.....	13
3. O papel do Afeto.....	15
4. O papel da Personalidade.....	15
5. Objetivo e Hipóteses.....	17
CAPÍTULO II- METODOLOGIA.....	19
1. Participantes.....	20
2. Instrumentos.....	20
2.1. NEO-FFI – Five Factor Model/ Modelo dos Cinco Fatores.....	20
2.2. PANAS – Positive and Negative Affect Schedule/ Escala de Afeto Positivo e Negativo.....	21
2.3. Escala de Excitação Sexual Subjetiva.....	22
3. Procedimentos.....	22
3.1.Redução de dados psicofisiológicos.....	23
4. Análise de Dados.....	24
CAPÍTULO III- RESULTADOS.....	25
1. Personalidade e Resposta Emocional Subjetiva.....	26
2. Personalidade e Resposta Fisiológica.....	26
CAPÍTULO IV- DISCUSSÃO.....	29
Referências.....	36

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	20
Quadro 2. Correlações de Pearson entre a Personalidade e a Resposta Emocional Subjetiva.....	27
Quadro 3. Correlações de Pearson entre a Personalidade e a Resposta Fisiológica.....	28

Mária Sabina Centeio Viegas

Relação entre Personalidade, Excitação Sexual e Resposta Emocional mediante a Exposição a um Clip de

Violação: Evidência numa Amostra de Homens da Comunidade

CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Pornografia na Agressão Sexual

Devido à sua expansão e acessibilidade, a internet tem alterado os padrões de socialização e de relacionamento da população a nível mundial. Entre estes padrões, destaca-se a sexualidade: o consumo de pornografia entre homens tem vindo a aumentar cerca de 0.5% por ano (desde 1973; Wright, 2013) criando um padrão intercultural de elevado consumo de pornografia (Hald, Seaman & Linz, 2012) maioritariamente por parte de adolescentes e jovens adultos um pouco por todo o mundo (Hald, Kuyper, Adam, & De Wit, 2013; Luder et al., 2011; Peter & Valkenburg, 2006; Wright, 2011). Esta proliferação tem vindo a influenciar o desenvolvimento sexual dos jovens em diferentes vertentes (Lofgren-Martenson & Mansson, 2010) devido à facilidade de acesso, aos custos reduzidos e à percepção de anonimato e privacidade por parte do utilizador (Cooper, Delmonico & Burg, 2000).

O consumo de pornografia online tem vindo a desenvolver um grande impacto nas questões da compulsão, adição e comportamento criminal associado à sexualidade (Owens, Behun, Manning & Reid, 2012). Wright (2011), através de uma revisão da literatura, concluiu que os conteúdos sexuais presentes nos media parecem influenciar o comportamento sexual dos jovens. Esta relação é explicada pelo modelo de Huesmann (1986) que defende três fases de repercussão deste comportamento: A primeira, aquisição, é a fase em que o adolescente é confrontado com o comportamento sexual apresentado nos media e o retém; a fase seguinte, ativação, acontece quando o jovem se encontra numa situação semelhante à que percecionou nos media, e ativa aquela memória; e a última fase, aplicação, acontece quando o jovem decide aplicar o que adquiriu, mediante o contexto de ativação.

Um estudo realizado por Sabina, Wolak e Finkelhor (2008) reportou que 72.8% da sua amostra assistiu a pornografia online antes dos 18 anos de idade (93.2% rapazes e 62.1% raparigas). Este estudo revelou ainda que os rapazes têm maior probabilidade de assistir mais frequentemente e a maior diversidade de pornografia. Uma grande parte desta amostra relatou ter sido exposta a parafilias e a violência sexual pelo menos uma vez antes dos 18 anos. E, enquanto uma grande parte das raparigas (42.3%) reportaram que o seu contacto com a pornografia aconteceu de forma acidental, os rapazes apresentaram um padrão de exposição repetida a pornografia, incluindo violência sexual. Estes dados alertam-nos para a precocidade da exposição a este tipo de estímulos, tornando-se importante ter em conta o impacto deste fenómeno.

O interesse no impacto da pornografia no comportamento sexual não é recente e, apesar de ter ganho uma nova força com a proliferação da internet, tem vindo a ser estudado desde o século passado. A partir dos anos 70 começaram a surgir estudos sobre a relação entre pornografia violenta e agressão sexual focando as diferenças de género relativas à excitação sexual a estímulos pornográficos violentos; reação cognitiva, emocional e fisiológica à violência sexual; e avaliação dos efeitos da pornografia violenta e não violenta (c.f., Rosen & Beck, 1988).

Sabe-se que a exposição a pornografia violenta está associada a posterior excitação sexual perante estímulos semelhantes (Marshall, Seidman & Barbaree, 1991). Neste seguimento, alguns autores (Byrne, 1977; Zillmann & Bryant, 1984) referem que a pornografia tem uma influência desinibitória no comportamento sexual devido à familiaridade para com o estímulo; e que a exposição a pornografia violenta afeta as atitudes dos homens em relação à violação (nomeadamente através de atitudes mais permissivas; Malamuth, 1981; Malamuth, Haber & Feshbach, 1980; Malamuth, Heim & Feshbach, 1980).

Recentemente, Wright, Tokunaga e Kraus (2016) apresentaram resultados que indicam que existe uma correlação positiva entre o consumo de pornografia e o risco de agressão sexual (apesar da associação entre o consumo de pornografia violenta e a agressão sexual ser mais forte em comparação com o efeito do consumo da pornografia não violenta, esta diferença não se mostrou estatisticamente significativa, pelo que se pode inferir que o consumo de pornografia, de uma maneira geral, está positivamente correlacionado com a agressão sexual). Ainda assim, é importante ter em conta que esta associação pode acontecer devido ao conteúdo que, apesar de não ser percecionado como violento, pode conter mensagens de objetificação e degradação da imagem da mulher (Wright & Tokunaga, 2015). Isto porque a literatura é contraditória em relação a este aspeto e alguns estudos apontam para a hipótese de que a exposição a pornografia violenta aumenta a probabilidade de agressão sexual, enquanto a pornografia não violenta não apresenta diferenças estatisticamente significativas relativamente à ausência de exposição a pornografia (Boeringer, 1994; Kingston, Malamuth, Fedoroff & Marshall, 2009; Ybarra, Mitchell, Hamburger, Diener-West & Leaf, 2011).

2. Fatores moderadores

Levantou-se ainda a hipótese de que poderia não existir um efeito direto entre pornografia violenta e violência sexual, mas este efeito ser moderado por outros fatores,

nomeadamente a obtenção de um ganho: Mosher e Katz (1971) instruíram a amostra para se mostrarem verbalmente agressivos para com uma mulher (investigadora). A hostilidade aumentou apenas quando os participantes receberam a informação de que se se mostrassem hostis, visualizariam estímulos mais excitantes e por mais tempo. Assim sendo, os autores chegaram à conclusão de que a pornografia por si só não aumentava os níveis de agressividade. Noutro estudo, Jaffe, Malamuth, Feingold e Feshbach (1974) concluíram, em contexto de laboratório, que o que aumentava, de facto, a agressividade da amostra não era a exposição indiscriminada a estímulos eróticos, mas sim a excitação sexual sentida (os resultados apontaram para uma correlação positiva entre a excitação sexual e a agressividade generalizada). Neste seguimento, as características dos estímulos pornográficos como a intensidade e a modalidade podem moderar os efeitos da pornografia na agressividade: estímulos associados a maior excitação sexual e afeto negativo (como culpa ou aversão) têm maior probabilidade de predispor a agressão (Sapolsky, 1984).

Para além dos fatores acima descritos, a literatura que procura investigar a influência da pornografia na agressão sexual tem-se focado também nas atitudes e crenças de aceitação da violência contra as mulheres e aceitação de mitos sobre a violação como fatores moderadores (Burt, 1980; Seto, Maric & Barbaree, 2001; Vega & Malamuth, 2007). A exposição a pornografia violenta promove uma alteração na perceção e atitudes dos homens predispondo a maior aceitação (e prática) da violência generalizada, violência e domínio sobre as mulheres, assim como a credibilização de mitos associados à violação (Burt, 1980; Malamuth & Check, 1980, 1981; Malamuth, Check & Briere, 1986). A relação entre o consumo de pornografia e a aceitação da violência contra as mulheres é mais forte quanto mais violenta for o tipo de pornografia (Hald, Malamuth & Yuen, 2009).

Outros fatores que moderam a relação entre o consumo de pornografia e a aceitação e/ou concretização de atos de violência sexual são a desejabilidade social (quando o grupo verbaliza opiniões permissivas acerca da violência sexual; Leonard & Taylor, 1983), predisposição para a violação (likelihood to rape – LR; Malamuth & Ceniti, 1986; Malamuth & Check, 1983), frequência da exposição (Kingston, Fedoroff, Firestone, Curry & Bradford, 2008) e sexismo hostil em homens (Hald, Malamuth & Lange, 2013).

Está claro que nem todos os indivíduos que consomem pornografia são sexualmente agressivos, tal como nem todos os agressores sexuais têm hábitos de consumo de pornografia, pelo que se torna pertinente explorar as diferenças individuais que possam estar a moderar esta associação. Entre estas diferenças estão o ambiente cultural e familiar do indivíduo, tal

como o seu grupo de pares. Outras variáveis relacionam-se com traços mais estáveis, como a personalidade (e.g. características antissociais, hostilidade) e estados como o afeto (afeto negativo, e.g., raiva; Kingston et al. 2009).

3. O papel do Afeto

A literatura tem vindo a estudar e a evidenciar a influência do afeto e da desregulação emocional na agressão sexual. Os agressores sexuais apresentam dificuldades na regulação do comportamento e das emoções, sendo que as agressões sexuais resultam da necessidade de satisfazer desejos e necessidades emocionais momentâneas. A agressão sexual pode também ser desencadeada por estados emocionais disfuncionais em que os ofensores utilizam o sexo como estratégia de coping para reduzir o afeto negativo e aumentar estados positivos de humor (Adams & Robison, 2001; Carvalho & Nobre, 2013; Reid, Garos, & Carpenter, 2011; Ward & Siegert, 2002). Bancroft, Janssen e Strong (2003) reportaram que a maioria dos homens apresenta menos interesse sexual perante humor deprimido, mas que um subgrupo parece experienciar o oposto. No que concerne aos agressores sexuais, tem-se demonstrado a existência de uma relação positiva entre o afeto negativo e a agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2013; Clark & Watson, 1991; McKibben, Proulx, & Lusignan, 1994; Swaffer, Hollin, Beech, Beckett, & Fisher, 2000; Firestone, Nunes, Moulden, Broom, & Bradford, 2005). No entanto, e apesar desta relação, a direção da afetividade apresenta ainda algumas incongruências na literatura. Num estudo realizado por Craig, Peterson, Janssen, Goodrich e Heiman (2017), o afeto positivo (e.g. alegria, entusiasmo) foi preditor da excitação sexual subjetiva em agressores sexuais e Lalumière, Fairweather, Harris, Suschinsky e Seto (2016) defenderam que ambos os afetos positivo e negativo estão associados ao aumento da resposta genital a cenários de violação e à agressão sexual (Ward e Beech, 2006). Apesar destes resultados, o impacto do afeto positivo na agressão sexual tem sido reportado de forma menos evidente.

4. O papel da Personalidade

A par do afeto está a personalidade, que tem sido um dos fatores envolvidos na etiologia e manutenção da agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2013). Ao analisar as diferenças individuais tem-se verificado que os efeitos da exposição a pornografia na agressão sexual são evidentes para um subgrupo específico de homens, nomeadamente para os homens que têm predisposição para a agressão sexual (Kingston et al., 2009; Malamuth, Hald & Koss,

2012; Seto et al. 2001; Vega & Malamuth, 2007). Alexy, Burgess e Prentky (2009) concluíram que o consumo de pornografia em jovens com predisposição para a agressão aumenta a probabilidade destes jovens incorrerem numa violação. Os homens que têm predisposição para a agressão sexual e que consomem pornografia de forma regular, apresentam quatro vezes mais agressividade sexual que outros homens com a mesma predisposição que não têm hábitos de consumo de pornografia (Ybarra & Mitchell, 2005).

Associados à agressão sexual existem também traços característicos da psicopatia e do sadismo (Robertson & Knight, 2014). Entre eles estão traços antissociais e de impulsividade (Kennealy, Skeem, Walters & Camp, 2010), cujas reações afetivas e fisiológicas predis põem para o comportamento antissocial, agressivo e criminal (Fanti, 2016; Marsh et al., 2011). A impulsividade também tem sido reportada como fator de risco dinâmico para a agressão sexual (Craig, Thornton, Beech & Browne, 2007; Carvalho & Nobre, 2013) e preditor de reincidência em agressores sexuais mais jovens (Miner, 2002). Este fator foi identificado em violadores condenados e em estudantes universitários que reportaram ter exercido comportamentos de coerção sexual para com as mulheres, revelando níveis de impulsividade no planeamento e ao nível cognitivo, agindo no momento, sem ponderação ou planeamento e apresentando défices de atenção e menos controlo sobre os seus pensamentos, quando comparados com o grupo de pares (Carvalho & Nobre, 2012).

No âmbito dos fatores de personalidade, destaca-se o Modelo dos Cinco Fatores (Five Factor Model – FFM; Costa & McCrae, 1992) que é um modelo descritivo da personalidade validado empiricamente (Costa & McCrae, 1985; Digman, 1990; McCrae & Costa, 1990; Peabody & Goldberg, 1989) que identifica os principais traços de acordo com os termos comumente utilizados pelas pessoas. O Modelo dos Cinco fatores é constituído por cinco fatores que descrevem a personalidade de um indivíduo. São estes a abertura à experiência, amabilidade, extroversão, conscienciosidade e neuroticismo. Por abertura à experiência entende-se alguém com vários interesses, com características como a criatividade, coragem e abertura para ingressar em novas experiências; a amabilidade diz respeito a traços de bondade e confiança e situa-se no polo oposto de características como o comportamento desafiante, a hostilidade e a teimosia; o fator extroversão engloba a sociabilidade, proatividade e o comportamento assertivo; a conscienciosidade está relacionada com o discurso moral, caracterizando alguém trabalhador, prudente, perseverante e orientado para objetivos; e por último, o neuroticismo encontra-se no polo oposto da estabilidade emocional, representando as emoções negativas e uma tendência para a ansiedade e depressão,

impulsividade, estratégias de coping desadaptativas e facilidade em sentir-se perturbado. Sendo um modelo da personalidade bastante estudado, o Modelo dos Cinco Fatores pode ser utilizado para melhor compreender os agressores sexuais, promovendo a gestão do risco e reabilitação destes indivíduos (Carvalho & Nobre, 2013).

A amabilidade e o neuroticismo têm vindo a ser os fatores mais estudados ao nível da violência pela sua associação a características que predisõem a agressividade (Caprara et al., 2012; Carvalho & Nobre, 2013; Jonason, Li, Webster & Schmitt, 2009). Assim, sabe-se que elevados níveis de neuroticismo e baixos níveis de amabilidade poderão ter efeito na regulação emocional e autocontrolo, predispondo à agressão. Estes traços caracterizam-se por níveis mais elevados de irritabilidade e pensamentos ruminantes que podem levar ao comportamento agressivo e violento sob determinadas condições (Caprara et al., 2012). Mais especificamente, quando associados a exposição recorrente a pornografia, baixos níveis de amabilidade predizem atitudes de violência contra as mulheres (Hald & Malamuth, 2015). No entanto, Carvalho e Nobre (2013), numa comparação entre traços de personalidade de ofensores sexuais condenados versus ofensores sexuais não condenados perceberam que elevados níveis de neuroticismo estão presentes em ofensores sexuais condenados, mas não em ofensores sexuais não condenados, pelo que este traço poderá ser melhor explicado por consequência da privação da liberdade.

Um estudo levado a cabo por Voller e Long (2010) identificou baixos níveis de amabilidade, extroversão e conscienciosidade em estudantes universitários do género masculino que haviam cometido uma violação em comparação com estudantes universitários do género masculino que não haviam cometido uma violação; Carvalho e Nobre (2013) também identificaram a conscienciosidade como traço de personalidade de estudantes universitários agressores sexuais do género masculino.

5. Objetivo e Hipóteses

O efeito do afeto e da personalidade na violência sexual tem sido descrita de forma recorrente. Vários estudos têm vindo a investigar o seu papel na agressão sexual (e.g. Abbey & Jacques-Tiura, 2011; Carvalho & Nobre, 2012; Murray-Close, Holland, & Roisman, 2012; Purdie, Abbey, Jacques-Tiura, 2010). No entanto, este papel tem sido pouco estudado em indivíduos não condenados.

Tendo em conta a frequência com que a generalidade da população, nomeadamente do género masculino, e principalmente os mais jovens, se expõem a estímulos sexuais, torna-

se necessário conhecer o impacto emocional destes conteúdos nos sujeitos. Por isto, o presente estudo tem como objetivo compreender o papel da personalidade na forma como os indivíduos do género masculino respondem emocionalmente a estímulos de violência sexual. Mais especificamente, pretende-se avaliar se existe uma associação entre as dimensões do Modelo dos Cinco Fatores e a resposta emocional, bem como a excitação sexual, face a um *clip* de violência sexual versus um *clip* de violência física contra a mulher.

À luz da literatura, espera-se que níveis superiores de amabilidade e conscienciosidade estejam associados a menor excitação sexual e mais afeto negativo face ao estímulo de violência sexual. Portanto, é esperado que níveis superiores de amabilidade e conscienciosidade estejam associados a uma resposta emocional negativa, expressa por uma maior ativação do músculo corrugador do supercílio (e menos ativação do músculo zigomático; eletromiografia- EMG facial), assim como a maior ativação da Atividade Eletrodérmica (EA). A título exploratório pretende-se compreender se existe uma associação diferenciada entre os fatores de personalidade, nomeadamente a amabilidade e conscienciosidade, e as respostas emocionais (incluindo a excitação sexual) face ao estímulo de violência sexual e violência física contra a mulher.

CAPÍTULO II- METODOLOGIA

1. Participantes

No que respeita aos participantes, e como critérios de inclusão, estes teriam que ser heterossexuais do género masculino e com idade mínima de 18 anos.

Participaram neste estudo 30 homens com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos cuja média de idades é de 29.6 ($DP = 9.38$). Destes, dois (10%) participantes eram casados e 28 (90%) eram solteiros. Relativamente às habilitações literárias, 20 (66.7%) participantes frequentavam uma licenciatura, quatro (13.3%) frequentavam um mestrado e quatro (13.3%) referiram ter o 12º ano, havendo ainda dois participantes (6.6%) com outro tipo de grau académico (ver Tabela 1).

Quadro 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Variáveis	Grupos	n	%
Estado Civil	Casado	3	10.0
	Solteiro	27	90.0
Habilitações	Licenciatura	20	66.7
Literárias	Mestrado	4	13.3
	Outro	6	20.0
Problemas	Sim	2	6.7
Psiquiátricos Anteriores	Não	28	93.3
Orientação Sexual	Heterossexual	30	100.0

2. Instrumentos

2.1. NEO-FFI – Five Factor Inventory/ Inventário dos Cinco Fatores

O NEO_FFI (Costa & McCrae, 1992) é uma versão reduzida do NEO Personality Inventory-Revised (NEO-PI-R; Costa & McCrae, 1992), que consiste em 60 itens de autorrelato com formato de resposta tipo Likert de cinco pontos, variando entre zero (*discordo fortemente*) e quatro (*concordo fortemente*), cujo objetivo é descrever a personalidade do indivíduo com base em cinco grandes fatores: abertura à experiência (e.g. “Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza”), extroversão (e.g. “Gosto de ter muita gente à minha volta”), amabilidade (e.g. “Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro”), conscienciosidade (e.g. “Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem”) e neuroticismo (e.g. “Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas”). Para cada subescala, o

indivíduo pode obter pontuações entre os 0 e os 48 pontos, sendo que quanto mais elevada a pontuação, maior a presença daquele fator na caracterização da personalidade do indivíduo e, no caso contrário, quanto menor o valor obtido, menor a presença do fator.

Esta medida apresenta uma boa consistência interna com valores de alfa de Cronbach entre .74 e .89 (Costa & McCrae, 1992); a validação do questionário para a população portuguesa (Magalhães et al., 2013) apresenta valores de alfa de Cronbach entre .69 e .81. No presente estudo a consistência interna apresentou alfas de Cronbach com valores de .78 para a abertura à experiência, .83 para a extroversão, .70 para a amabilidade, .88 para a conscienciosidade e .87 para o neuroticismo.

2.2. PANAS – Positive Affect and Negative Affect Schedule/ Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo

O PANAS é uma escala de autorrelato com o objetivo de medir o afeto positivo e negativo tanto ao nível do estado, como ao nível do traço (Watson, Clark & Tellegen, 1988). O afeto negativo e positivo são uma forma geral de descrever as experiências afetivas. É constituído por 20 adjetivos divididos em duas subescalas, uma para o afeto negativo (e.g. “perturbado”, “atormetado”) e outra para o afeto positivo (e.g. “agradavelmente surpreendido”, “entusiasmado”), onde os participantes devem responder primeiramente sobre como se costumam sentir e, em segundo lugar a como se sentem naquele momento. Ambas as subescalas têm um formato de resposta tipo Likert de cinco pontos entre 0 (*muito pouco/quase nada*) e 4 (*extremamente*).

A cotação realiza-se através do somatório dos valores obtidos em cada uma das subescalas, sendo que o valor mínimo para cada uma delas é 0 e o valor máximo corresponde a 40. Relativamente ao traço, níveis elevados de afeto negativo significam distress subjetivo e presença de emoções como o medo, estar chateado ou nervoso; elevados níveis de afeto positivo indicam agradabilidade para com o meio, incluindo emoções de entusiasmo, inspiração e determinação. No que concerne o estado, quanto mais elevada uma dimensão, maior a presença da mesma naquele momento; e, no sentido contrário, quanto menor o nível da dimensão, menor a sua presença no momento (Tellegen, Watson, & Clark, 1999). No presente estudo apenas se utilizou a forma estado (“De seguida encontram-se listadas algumas palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Indique em que medida sente, neste momento, cada uma das diferentes emoções.”) porque apenas se pretendia perceber o afeto dos participantes após a visualização de cada clip.

A versão original apresentou uma boa consistência interna com o alfa de Cronbach de .89 para o afeto positivo e .85 para o afeto negativo (Watson et al., 1988). A versão portuguesa apresentou valores semelhantes, de .86 para o afeto positivo e .89 para o afeto negativo (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). O presente estudo obteve valores de alfa de Cronbach de .75 para o afeto positivo e .92 para o afeto negativo no clip de violência sexual, .92 para o afeto positivo e .94 para o afeto negativo no clip de violência física e .96 para o afeto positivo e negativo no clip sem violência (os clips estão descritos na secção dos procedimentos).

2.3. Escala de Excitação Sexual Subjetiva

A escala de excitação sexual subjetiva é uma escala de autor (i.e., desenvolvida no âmbito dos trabalhos de investigação efectuados no SexLab, Universidade do Porto; c.f. Carvalho, Pereira, Barreto & Nobre, 2016) que pretende avaliar a excitação sexual percebida pelos participantes após a visualização dos clips cuja resposta tem por base o autorrelato numa escala tipo Likert de 10 pontos entre 0 (*nada*) e 9 (*extremamente*). A escala consiste em seis questões, sendo que para o presente estudo foram utilizadas apenas as seguintes três: (“em que medida se sentiu assim durante o filme que acabou de ver”) “sexualmente excitado”, “grau de ereção” e “desejo de se envolver sexualmente (e.g. sexo com parceira, masturbação)” por serem as questões que mais se adequavam ao objetivo de medir a excitação sexual subjetiva imediatamente após a visualização dos clips. O resultado foi analisado através do somatório dos valores respondidos para cada questão que poderia variar entre 0 e 27, sendo que a excitação sexual subjetiva é mais elevada quanto maior o valor do resultado final.

O presente estudo obteve uma excelente consistência interna, com valores de alfa de Cronbach de .95 para o clip de violência sexual, .99 para o clip de violência física e .94 para o clip sem violência.

3. Procedimentos

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica da EPCV (CEDIC) e realizou-se no LabPsiExp, Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

A amostra foi não probabilística por conveniência: o estudo foi divulgado nas redes sociais e salas de aula, sendo que todos os homens interessados deveriam agendar a sua participação através do envio de um email para os investigadores.

A participação no estudo realizou-se de forma voluntária. Não houve desistências, perfazendo um total de 30 participantes. Estes não receberam qualquer compensação pela sua participação.

Os participantes assinaram o consentimento informado, onde constava informação sobre o objetivo do estudo e conteúdos de violência a que iriam ser expostos.

Numa primeira fase, e após entrada no laboratório, os participantes responderam ao protocolo de avaliação composto pelo questionário sociodemográfico e o NEO-FFI. Posteriormente foram reencaminhados para a sala experimental para colocação dos elétrodos (para aquisição de EMG facial e AE) e início da visualização dos *clips*, nomeadamente conteúdos de violência sexual sobre a forma de violação (perpetração sexual masculina/vítima feminina), violência física (homem contra mulher) e um *clip* neutro de interação entre homem e mulher sem conteúdo de violência retirados de filmes comerciais, com a duração de 40 segundos cada, apresentados de forma aleatória. Adicionalmente, foi visualizado um *clip* neutro (documentário sobre a natureza) para aquisição da baseline dos indicadores fisiológicos. Após cada *clip*, os participantes responderam às questões do PANAS e da excitação sexual subjetiva. Os *clips*, tal como as questões foram visualizados (e respondidos) através do software Tobii Studio v 3.3.2 (Tobii Technology AB, Suécia num monitor TFT 17” ligado a um computador Intel core2duo 6550. Os *clips* foram apresentados no modo de ecrã inteiro com resolução de 1280x1024 px. O som original dos *clips* foi apresentado através de uns auscultadores Sennheiser HD 201 cujo volume se encontrava no valor 50 de 100.

3.1. Redução dos dados psicofisiológicos

O sinal EMG bruto foi suavizado através de um filtro de Resposta Impulsional Ininita (IIR) do tipo Butterworth de quarta ordem (passa-banda), com frequências de corte de 28 e 250Hz e retificado com uma média móvel de 100ms. A razão EMG foi computada através da seguinte fórmula: Média do EMG durante o vídeo (40s)/Média EMG basal (-2s). Para a atividade eletrodérmica, o sinal bruto foi filtrado com um filtro de Resposta Impulsional Ininita (IIR) do tipo Butterworth de segunda ordem (passa-baixo), com frequências de corte de 5Hz. O Nível de Condutância Dérmica (NCD) foi avaliado corrigido para a amplitude para minimizar a variabilidade interindividual, de acordo com as orientações

de Lykken e Venables (1971) razão do NCD foi computada através da seguinte fórmula:

Média corrigida do NCD durante o vídeo (40s)/Média corrigida do NCD basal (-2s).

4. Análise de Dados

Para a análise dos dados foi utilizado o software IBM SPSS versão 22. Realizaram-se análises descritivas para caracterizar os participantes assim como análises da consistência interna dos instrumentos.

Para testar as hipóteses, e devido ao número limitado de participantes, foram realizadas correlações de Pearson entre as dimensões do NEO-FFI e os indicadores de interesse: EMG facial (supraciliar e zigomático), EA, afeto positivo e negativo e excitação sexual subjetiva, para cada um dos *clips*.

CAPÍTULO III- RESULTADOS

1. Personalidade e Resposta Emocional Subjetiva

Para compreender a relação entre os fatores de personalidade e o afeto face à exposição aos estímulos, foram realizadas correlações de Pearson entre as duas variáveis. Os resultados revelaram uma associação negativa estatisticamente significativa entre a amabilidade e o afeto positivo ($r = -.39, p = .032$) para o *clip* de violência física, e afeto negativo ($r = -.50, p = .005$) para o *clip* sem violência; existindo ainda outra associação negativa estatisticamente significativa entre a conscienciosidade e o afeto positivo ($r = -.38, p = .040$) para o *clip* de violência física e para o afeto negativo ($r = -.42, p = .021$) no *clip* sem violência.

Os resultados revelaram ainda, para o *clip* de violência sexual, uma associação positiva entre o fator neuroticismo ($r = .41, p = .024$) e associações negativas entre os fatores amabilidade ($r = -.53, p = .003$) e conscienciosidade ($r = -.52, p = .003$) e a excitação sexual subjetiva. Encontraram-se também associações negativas entre a amabilidade ($r = -.44, p = .016$) e a conscienciosidade ($r = -.43, p = .018$) e a excitação sexual subjetiva, no *clip* de violência física (ver Tabela 2).

2. Personalidade e Resposta Fisiológica

Realizaram-se correlações de Pearson para verificar a relação entre os fatores da personalidade e as respostas fisiológicas. Os resultados revelaram associações positivas entre o fator abertura à experiência e a activação do músculo supraciliar ($r = .40, p = .029$) para o *clip* sem violência; e entre o fator amabilidade e a activação do músculo zigomático ($r = .36, p = .049$) para o *clip* de violência física. Não foram encontradas associações significativas no que respeita à atividade electrodérmica (ver Tabela 3).

Tabela 2. Correlações de Pearson entre a Personalidade e a Resposta Emocional Subjetiva

	Violência Sexual						Violência Física						Sem Violência					
	Afeto Positivo		Afeto Negativo		Excitação Sexual Subjetiva		Afeto Positivo		Afeto Negativo		Excitação Sexual Subjetiva		Afeto Positivo		Afeto Negativo		Excitação Sexual Subjetiva	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Neuroticismo	.24	.195	-.12	.527	.41*	.024	.23	.228	-.10	.617	.18	.337	.32	.082	.29	.118	.31	.098
Extroversão	-.10	.601	.21	.255	-.34	.067	.19	.310	.07	.729	-.18	.347	-.28	.227	-.26	.165	-.24	.208
Abertura à Experiência	-.20	.279	-.19	.303	.07	.716	.17	.372	.12	.542	.24	.197	.16	.407	.15	.444	.10	.590
Amabilidade	-.16	.393	.18	.346	-.53**	.003	-.39*	.032	-.02	.899	-.44*	.016	-.09	.626	-.50**	.005	-.32	.088
Conscienciosidade	-.07	.709	.25	.189	-.52**	.003	-.38*	.040	.08	.671	-.430*	.018	-.03	.874	-.42*	.021	-.29	.123

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$

Tabela 1. Correlações de Pearson entre a Personalidade e a Resposta Fisiológica

	Violência Sexual						Violência Física						Sem Violência					
	Supraciliar		Zigomático		EA		Supraciliar		Zigomático		EA		Supraciliar		Zigomático		EA	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>R</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Neuroticismo	.07	.711	.12	.520	-.30	.106	.13	.486	-.18	.351	-.29	.126	.27	.157	.22	.249	-.30	.112
Extrovertido	.08	.660	.16	.405	.05	.796	-.09	.626	.22	.245	.08	.659	-.20	.283	-.02	.931	.07	.734
Abertura à Experiência	.15	.420	-.21	.272	.06	.750	.08	.691	-.27	.154	.17	.367	.40*	.029	-.19	.317	.06	.764
Amabilidade	-.07	.715	-.02	.918	.13	.487	-.11	.568	.36*	.049	.14	.470	-.16	.398	.04	.843	.19	.318
Conscienciosidade	-.05	.798	-.07	.696	.01	.953	-.02	.926	.24	.204	.01	.969	-.06	.749	-.09	.635	.05	.799

Nota. * $p < .05$

Mária Sabina Centeio Viegas

Relação entre Personalidade, Excitação Sexual e Resposta Emocional mediante a Exposição a um Clip de

Violação: Evidência numa Amostra de Homens da Comunidade

CAPÍTULO IV- DISCUSSÃO

O presente estudo visa a compreensão do papel da personalidade, através do Modelo dos Cinco Fatores (Costa & McCrae, 1992), na forma como os indivíduos do género masculino respondem emocionalmente aos estímulos de violência sexual e violência física (não-sexual) contra a mulher. Com base na revisão da literatura, esperava-se que níveis superiores de amabilidade e conscienciosidade estivessem associados a menor excitação sexual subjetiva e mais afeto negativo, para o estímulo de violência sexual. Os resultados vieram corroborar parcialmente esta hipótese uma vez que se verificou uma associação negativa entre a amabilidade e conscienciosidade e a excitação sexual subjetiva para o *clip* de violência sexual, mas não existiram associações estatisticamente significativas para o afeto negativo. Adicionalmente, verificou-se uma associação positiva entre o neuroticismo e a excitação sexual subjetiva para o *clip* de violência sexual. Esperava-se igualmente que níveis superiores de amabilidade e conscienciosidade estivessem associados a maior ativação do músculo supraciliar (afeto negativo) e da atividade eletrodérmica. Os resultados destas associações não se apresentaram estatisticamente significativos e revelaram, ao contrário do que se esperava, uma associação positiva entre a amabilidade e o músculo zigomático (afeto positivo) para o *clip* de violência física. A título exploratório pretendia-se ainda compreender se os fatores de personalidade (nomeadamente a amabilidade e a conscienciosidade) e as respostas emocionais (afeto e excitação sexual subjetiva) se associam de forma diferenciada aos estímulos de violência sexual por contraponto aos estímulos de violência física. Neste sentido, verificou-se uma associação negativa entre a amabilidade e a conscienciosidade face ao afeto positivo e à excitação sexual subjetiva face ao *clip* de violência física, sendo que esta associação não se verificou para o *clip* de violência sexual. Para além destas evidências, os resultados indicaram associações negativas entre a amabilidade e a conscienciosidade e o afeto negativo e uma associação positiva entre a abertura à experiência e o músculo supraciliar (afeto negativo), ambas para o *clip* sem violência.

Os estudos realizados sobre a personalidade de agressores sexuais têm-se mostrado incongruentes. Os resultados poderão variar pela diversidade da amostra (reclusos ou da comunidade), pela definição de agressão sexual e pelo tipo e severidade das práticas incluídas (e.g. violação, pedofilia, coerção sexual). No entanto, e apesar da existência destas incongruências, existem traços que são mais comumente associados à agressão sexual. O melhor exemplo é o fator da amabilidade, que neste estudo se apresentou negativamente associado à excitação sexual no *clip* de violência sexual e que tem sido evidenciado como um fator de caracterização de agressores sexuais ou de homens com atitudes que suportam a

violência contra as mulheres (baixos níveis; e.g. Caprara et al., 2012; Hald & Malamuth, 2015; Lewis, Easton, Goetz & Buss, 2012; Voller & Long, 2010). A amabilidade tem vindo a ser associada negativamente a características relevantes no estudo da sexualidade como a frieza, hostilidade, desconfiança, discórdia e egoísmo (Malamuth, 2003) e a traços diretamente relacionados com a promiscuidade sexual, infidelidade e comportamentos sexualmente coercivos como a psicopatia, narcisismo e maquiavelismo (Jonason, Li, Webster & Schmitt, 2009). Num estudo realizado por Hald e Malamuth (2015) baixos níveis de amabilidade revelaram moderar a relação entre a exposição a pornografia e atitudes que suportam a violência contra as mulheres. Noutro estudo realizado por Voller & Long (2010) com uma amostra de estudantes universitários, aqueles que reportaram ter cometido uma violação apresentaram níveis mais baixos de amabilidade e conscienciosidade quando comparados com aqueles que não reportaram qualquer tipo de agressão sexual ou reportaram ter cometido outro tipo de agressão sexual que não violação. De forma menos expressiva, baixos níveis de conscienciosidade também têm vindo a ser comumente associados ao perfil de personalidade dos agressores sexuais condenados e não condenados (e.g. Carvalho & Nobre, 2013; Dennison, Stough & Birgden, 2001; Voller & Long, 2010). Os resultados de um estudo conduzido por Carvalho e Nobre (2013) indicam que a amostra de agressores sexuais não condenados apresenta níveis mais baixos de conscienciosidade, quando comparada com a amostra de violadores e abusadores sexuais de menores condenados. O presente estudo revelou resultados congruentes com a literatura, uma vez que se revelou uma associação negativa entre a amabilidade e a conscienciosidade e a excitação sexual no clip de violência sexual.

Apesar de não constar nas hipóteses, o presente estudo revelou uma associação positiva entre o neuroticismo e a excitação sexual no *clip* de violação, resultado que vai ao encontro de outros estudos realizados com amostras de agressores sexuais condenados. Dennison, Stough e Birgden (2001) identificaram elevados níveis de neuroticismo (e baixos níveis de conscienciosidade e extroversão) em agressores sexuais condenados por abuso sexual de menores, quando comparados com um grupo de não agressores. Também um estudo de Lehne (2002) revelou que os agressores sexuais apresentaram níveis mais elevados de neuroticismo (e de uma subdimensão da extroversão) quando comparados com a população geral. No entanto, os resultados do estudo de Voller e Long (2010) revelaram que agressores sexuais não condenados (estudantes universitários) não apresentaram níveis elevados nas subdimensões impulsividade e hostilidade do fator neuroticismo; o que vai parcialmente ao

encontro do estudo de Carvalho e Nobre (2013) onde o neuroticismo não caracterizou a amostra de agressores sexuais não condenados, especulando-se que este traço poderia ser melhor explicado por consequência da reclusão (uma vez que caracterizou os agressores sexuais condenados). O neuroticismo tem vindo a ser comumente associado a perturbações da personalidade dos agressores sexuais, caracterizando, por consequência, os agressores sexuais mais disfuncionais do ponto de vista psicopatológico (Carvalho & Nobre, 2013). Apesar das incongruências dos resultados na literatura e à semelhança dos resultados encontrados no presente estudo, também Malamuth & Check (1983) concluíram que o neuroticismo (e o psicoticismo) eram características relacionadas com a excitação sexual perante uma violação numa amostra de estudantes universitários homens. O resultado encontrado envolve implicações importantes para a intervenção, uma vez que o neuroticismo envolve a maioria das características psicopatológicas reconhecidas como fatores de risco dinâmicos na agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2013).

Existem poucos estudos sobre os perfis de personalidade de agressores sexuais não condenados pelo que, apesar de se pressupor que os agressores sexuais condenados e não condenados apresentem diferenças entre si, a sua veracidade é difícil de se comprovar com clareza (Carvalho & Nobre, 2013). No entanto, Voller e Long (2010) concluíram que estudantes universitários que cometeram violação apresentam diferenças de personalidade mais acentuadas em relação aos que não cometeram qualquer tipo de agressão sexual, em comparação com as diferenças apresentadas entre estudantes universitários que haviam cometido algum tipo de agressão sexual (mas não violação) e aqueles que não cometeram qualquer tipo de agressão sexual. Isto poderá querer dizer, à semelhança dos argumentos utilizados por Voller e Long (2010), que a personalidade constitui uma variável adequada na caracterização de agressores sexuais mais disfuncionais (e.g. violadores, abusadores sexuais de menores com psicopatologia) mas não parece revelar-se tão pertinente no propósito de distinguir elementos da população em geral que tenham atitudes e comportamentos de violência sexual menos severa (e.g. coerção sexual), o que poderá justificar a ausência de qualquer associação entre os fatores de personalidade e as respostas emocionais face ao *clip* de violência sexual.

Outros fatores de risco como o contexto, o consumo de álcool e drogas e a influência de pares poderão melhor explicar a violência sexual com agressores sexuais menos severos e inseridos na comunidade (Voller & Long, 2010). Neste sentido, o *Hierarchical Confluence Model* (HCM) explica a agressão sexual como a combinação de experiências precoces

agregadas a algumas características individuais (c.f., Hald, Seaman & Linz, 2014). Estas experiências poderão passar por violência parental e abusos recorrentes que desencadeiam atitudes e comportamentos coercivos contra as mulheres através de dois caminhos: criação de atitudes que suportam a violência (e que se desenvolvem para uma masculinidade hostil) e delinquência que resulta em promiscuidade sexual (e que em interação com a hostilidade leva à agressão sexual; Malamuth, Heavey & Linz, 1996). A violência sexual não é considerada uma resposta isolada, mas sim uma forma de lidar com relações sociais e conflitos com as mulheres no geral (Malamuth & Thornhill, 1994) que poderá culminar em agressão pela interação de fatores preditores como a motivação, desinibição e oportunidade (Malamuth, 1986). Assim sendo, e tendo em conta que o papel da personalidade se revelou pouco claro na forma como os indivíduos da comunidade interagem emocionalmente com os estímulos de violência sexual, sugere-se que, num estudo futuro, se analise a influência de outros fatores como o contexto, grupo de pares e consumo de álcool e drogas no abuso sexual, pois estes fatores poderão melhor explicar a sua dinâmica.

Apesar de, no presente estudo, a personalidade não ter evidenciado um papel relevante em relação ao *clip* de violência sexual, verificou-se uma associação negativa entre a amabilidade e a conscienciosidade face ao afeto positivo e à excitação sexual no *clip* de violência física. Por isto, parece pertinente aprofundar o papel destes fatores da personalidade na aceitação e/ou perpetração de violência contra as mulheres, num estudo futuro.

À semelhança dos resultados abordados para a violência sexual, a amabilidade e o neuroticismo têm sido constantemente associados a várias formas de violência, incluindo a física (e.g. Miller & Lynam, 2003; Skeem, Miller, Mulvey, Tiemann & Monahan, 2005). Face ao anterior, Caprara e colaboradores (2012) realizaram um modelo explicativo dos comportamentos agressivos onde a personalidade surge como fundamental na mediação do impacto de fatores biológicos e situacionais que promovem a violência. O modelo defende que traços básicos como baixos níveis de amabilidade e elevados níveis de neuroticismo predis põem para a irritabilidade e pensamentos ruminantes hostis que promovem o parco envolvimento moral através de distorções cognitivas que desinibem a consciência e a antecipação de eventuais consequências negativas e que, sobre determinadas circunstâncias (nomeadamente stress e ameaça), podem levar a comportamentos agressivos.

Sendo o parco envolvimento moral o maior determinante para gerar comportamentos agressivos (inibe sentimentos de culpa e autocrítica; Caprara et al., 2012) faz sentido que os resultados do presente estudo tenham revelado também baixos níveis de conscienciosidade

na associação com o afeto positivo e excitação sexual no *clip* de violência física, uma vez que a conscienciosidade está relacionada com o discurso moral, autodisciplina e deliberação (Costa & McCrae, 1992).

Relativamente à resposta fisiológica, os resultados revelaram uma associação positiva entre o fator amabilidade e o músculo zigomático (afeto positivo) para o *clip* de violência física. Apesar de ser comum encontrarem-se discrepâncias entre as medidas de autorrelato e a respetiva resposta fisiológica, o resultado encontrado revelou-se contraintuitivo e necessita de estudo aprofundado sobre a temática de forma a possibilitar a sua compreensão e verificar a sua replicação (com amostras maiores). Constatou-se também a existência de uma associação positiva entre o fator abertura à experiência e o músculo supraciliar (afeto negativo) para o *clip* sem violência. Este resultado não apresenta relevância para o estudo em questão, mas poderá indicar que, dada a natureza do fator, indivíduos que tenham elevados níveis de abertura à experiência se demonstrem facilmente aborrecidos com estímulos neutros. Apesar destes resultados, a análise da ativação fisiológica não se revelou estatisticamente significativa em nenhum parâmetro relevante para o presente estudo, o que pode revelar que os estímulos não tiveram intensidade suficiente para provocar algum resultado estatisticamente pertinente. Propõe-se assim a replicação do presente estudo com estímulos de maior intensidade. Parece também interessante replicar o presente estudo com uma amostra feminina.

Este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente o facto de se terem utilizado instrumentos de autorrelato, que pode enviesar os resultados da investigação devido à desejabilidade social neste tema em particular. A dimensão da amostra é também reduzida, o que poderá ter implicações ao nível do poder estatístico dos testes. Tratando-se de uma amostra de conveniência, os dados não devem ser generalizados para a população geral. A duração de resposta do protocolo completo poderá ainda ter resultado no cansaço dos participantes. Adicionalmente, convém salientar que o atual estudo não permite aferir se as variáveis analisadas têm efeito na interpretação de comportamentos de violência sexual e/ou física, apenas permitem inferir sobre as respostas emocionais a estes contextos. Neste sentido, estudos futuros poderão analisar o efeito mediador da ativação emocional, e sobretudo da excitação sexual, face a contextos de violência, na relação entre os fatores de personalidade e a perpetração de violência sexual.

A principal potencialidade do presente estudo prende-se com o facto de vir abrir portas à investigação na área, podendo vir a proporcionar informações relevantes no âmbito

da perpetração de violência contra as mulheres, particularmente em Portugal, onde a literatura sobre o tema é escassa. A título de exemplo, o presente estudo veio sugerir orientações futuras no sentido de se estudar o afeto, e sobretudo a excitação sexual como variável facilitadora da perpetração de violência, nomeadamente de violência sexual. A verificar-se o efeito mediador da ativação emocional e especificamente da excitação sexual, poderão vir a desenvolver-se estratégias de intervenção e de prevenção mais eficazes neste sentido. É, por isto, importante continuar a estudar este tema de forma a que a comunidade científica consiga compreender melhor a etiologia da agressão para melhor atuar no sentido de prevenir e intervir com os (potenciais) agressores.

Referências

- Abbey, A., & Jacques-Tiura, A. J. (2011). Sexual assault perpetrators' tactics: Associations with their personal characteristics and aspects of the incident. *Journal of Interpersonal Violence*, 26, 2866–2889. doi:10.1177/0886260510390955
- Adams, K. M., & Robinson, D. W. (2001). Shame reduction, affect regulation, and sexual boundary development: Essential building blocks of sexual addiction treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 8, 23-44. doi:10.1080/10720160127559
- Alexy, E. M., Burgess, A. W., & Prentky, R. A. (2009). Pornography use as a risk marker for an aggressive pattern of behavior among sexually reactive children and adolescents. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, 42, 442–453. doi:10.1177/1078390308327137
- Bancroft, J., Janssen, E., & Strong, D. (2003). The relation between mood and sexuality in heterosexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 32, 217–230. doi:10.1023/A:1023409516739
- Boeringer S. B. (1994). Pornography and sexual aggression: Associations of violent and nonviolent depictions with rape and rape proclivity. *Deviant Behav: Interdisciplinary J*, 15, 289–304. doi:10.1080/01639625.1994.9967974
- Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology* 38, 217-230. doi:10.1037//0022-3514.38.2.217
- Byrne, D. (1977). The Imagery of Sex. In J. Money & H. Musaph (Eds.), *Handbook of Sexology* (pp. 327-350). Amsterdam: Elsevier.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., Tisak, M. S., Paciello, M., Caprara, M. G., Gerbino, M., & Fontaine, R., G. (2012). Individual differences in personality conducive to engagement in aggression and violence. *European Journal of Personality*, 27, 290-303. doi:10.1002/per.1855
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2012). Dynamic factors of sexual aggression. the role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 40, 376-387. doi:10.1177/0093854812451682
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2013). Five-factor model of personality and sexual aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 20, 1-18. doi:10.1177/0306624X13481941

- Carvalho, J., Pereira, R., Barreto, D., & Nobre, P. J. (2016). The effects of positive versus negative mood states on attentional processes during exposure to erotica. *Archives of Sexual Behavior*, 46(8), 2495–2504. doi:10.1007/s10508-016-0875-3
- Clark, L. A., & Watson, D. (1991). Tripartite model of anxiety and depression: Psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 316-336. doi:10.1037//0021-843x.100.3.316
- Cooper, A., Delmonico, D. L., & Burg, R. (2000). Cybersex users, abusers, and compulsives: New findings and implications. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 7, 5-29. doi:10.1080/10720160008400205
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1985). The NEO Personality Inventory manual. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1992). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI): Professional manual. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Craig, A. N., Peterson, Z. D., Janssen, E., Goodrich, D., & Heiman, J. R. (2017). Affect and sexual responsivity in men with and without a history of sexual aggression. *The Journal of Sex Research*, 00, 1-10. doi:10.1080/00224499.2017.1301357
- Craig, L. A., Thornton, D., Beech, A., & Browne, K. D. (2007). The relationship of statistical and psychological risk markers to sexual reconviction in child molesters. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 314-329. doi:10.1177/0093854806291416
- Dennison, S. M., Stough, C., & Birgden, A. (2001). The big 5 dimensional personality approach to understanding sex offenders. *Psychology, Crime, & Law*, 7, 243-261. DOI: 10.1080/10683160108401796
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the Five-Factor Model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440. doi:10.1146/annurev.ps.41.020190.002221
- Fanti, K. A. (2016). Understanding heterogeneity in conduct disorder: A review of psychophysiological studies. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 91, 4-20. doi:10.1016/j.neubiorev.2016.09.022
- Firestone, P., Nunes, K. L., Moulden, H., Broom, I., & Bradford, J. M. (2005). Hostility and recidivism in sexual offenders. *Archives of Sexual Behavior*, 34, 277-283. doi:10.1007/s10508-005-3116-8

- Galinha, I., Pais-Ribeiro, J. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 23, 219-227. doi: 10.14417/ap.84
- Hald, G. M., Kuyper, L., Adam, P. C. G., & De Wit, J. B. F. (2013). Does viewing explain doing? Assessing the association between sexually explicit materials use and sexual behaviors in a large sample of dutch adolescents and young adults. *Journal of Sexual Medicine*, 10, 2986-2995. doi:10.1111/jsm.12157
- Hald, G. M., & Malamuth, N. N. (2015). Experimental effects of exposure to pornography: The moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. *Archives of Sex Behavior*, 44, 99-109. doi:10.1007/s10508-014-0291-5
- Hald, G. M., Malamuth, N. N., & Lange, T. (2013). Pornography and sexist attitudes among heterosexuals. *Journal of Communication*, 63, 638-660. doi:10.1111/jcom.12037
- Hald, G. M., Malamuth, N. M., & Yuen, C. (2009). Pornography and attitudes supporting violence against women: Revisiting the relationship in nonexperimental studies. *Aggressive Behavior*, 35, 1–7. doi:10.1002/ab.20328
- Hald, G. M., Seaman, C., & Linz, D. (2012). Sexuality and pornography. In D. Tolman, L. Diamond, J. Bauermeister, W. George, J. Pfaus & M. Ward (Eds.), *APA handbook of sexuality and psychology: Vol. 1. Person-in-context*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Hald, G.M., Seaman, C., & Linz, D. (2014). Sexuality and pornography. In D. L. Tolman, L. M. Diamond (Editors-in-Chief), J. A. Bauermeister, W. H. George, J. G. Pfaus, & L. M. Ward (Associate Editors), *APA handbook of sexuality and psychology: Vol. 2. Contextual approaches* (pp. 3–35). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hall, G. C. N., & Hirschman, R. (1992). Sexual aggression against children: A conceptual perspective of etiology. *Criminal Justice and Behavior*, 19, 8–23. doi:10.1177/0092854892019001003
- Huesmann, L. R. (1986). Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of Social Issues*, 42, 125-139. doi:10.1111/j.1540-4560.1986.tb00246.x
- Jaffe, Y., Malamuth, N. M., Feingold, J., & Feshbach, S. (1974). Sexual arousal and behavioral aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 30, 759-764. doi:10.1037/h0037526

- Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The dark triad: Facilitating a short term mating strategy in men. *European Journal of Personality*, 23, 5–18. doi:10.1002/per.698
- Kennealy, P. J., Skeem, J. L., Walters, G. D., & Camp, J. (2010). Do core interpersonal and affective traits of PCL-R psychopathy interact with antisocial behavior and disinhibition to predict violence? *Psychological Assessment*, 22, 569–580. doi:10.1037/a0019618
- Kingston, D. A., Fedoroff, P., Firestone, P., Curry, S., & Bradford, J. M. (2008). Pornography use and sexual aggression: The impact of frequency and type of pornography use on recidivism among sexual offenders. *Aggressive Behavior* 34, 341–351. doi:10.1002/ab.20250
- Kingston, D. A., Malamuth, N. M., Fedoroff, P., & Marshall, W. L. (2009). The importance of individual differences in pornography use: Theoretical perspectives and implications for treating sexual offenders. *Journal of Sex Research*, 46, 216-232. doi:10.1080/00224490902747701
- Lalumière, M. L., Fairweather, A., Harris, G. T., Suschinsky, K. D., & Seto, M. C. (2016). Genital responses to rape vignettes among young men: The influence of mood and directed attention. *Archives of Sex Behavior*, 46, 685-695. doi:10.1007/s10508-016-0809-0
- Lehne, G. K. (2002). The NEO Personality Inventory and the Millon Clinical Multiaxial Inventory in the forensic evaluation of sex offenders. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (2nd ed., pp. 269-282). Washington, DC: American Psychological Association.
- Leonard, K.E., & Taylor, S.P. (1983). Exposure to pornography, permissive and non permissive cues, and male aggression toward females. *Motivation and Emotion*, 7, 291–299. doi:10.1007/BF00991679
- Lewis, D. M. G., Easton, J. A., Goetz, C. D., & Buss, D. M. (2012). Exploitative male mating strategies: Personality, mating orientation, and relationship status. *Personality and Individual Differences*, 52, 139–143. doi:10.1016/j.paid.2011.09.017.
- Lofgren-Martenson, L., & Mansson, S. (2010). Lust, love, and life: A qualitative study of swedish adolescents' perceptions and experiences with pornography. *Journal of Sex Research*, 47, 568–579. doi:10.1080/00224490903151374
- Luder, M. T., Pittet, I., Berchtold, A., Akre, C., Michaud, P., & Suris, J. C. (2011). Associations between online pornography and sexual behavior among adolescents: Myth or reality? *Archives of Sexual Behavior*, 40, 1027–1035. doi:10.1007/s10508-010-9714

- Lykken, D. T., & Venables, P. H. (1971). Direct Measurement of Skin Conductance: a Proposal for Standardization. *Psychophysiology*, 8(5), 656-672. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8986.1971.tb00501.x>
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Lima, M. P. (2013). NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory in portuguese context. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 27, 642-657. doi: 10.1590/1678-7153.201427405ISSN
- Malamuth, N. M. (1981). Rape fantasies as a function of exposure to violent sexual stimuli. *Archives of Sexual Behavior*, 10, 33-47. Doi: 10.1007/BF01542673
- Malamuth, N. M. (1986). Predictors of naturalistic sexual aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 953-962. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.5.953>
- Malamuth, N. M. (2003). Criminal and noncriminal sexual aggressors: integrating psychopathy in a hierarchical-mediational confluence model. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 989, 144-153. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2003.tb07292.x>
- Malamuth N. M., & Ceniti, J. (1986). Repeated exposure to violent and nonviolent pornography: Likelihood of raping ratings and laboratory aggression against women. *Aggressive Behavior*, 12, 129-137. Doi: 10.1002/1098-2337(1986)12:2<129::AID-AB2480120207>3.0.CO;2-P
- Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1980). Penile tumescence and perceptual responses to rape as a function of victim's perceived reactions. *Journal of Applied Social Psychology* 10, 528-547. Doi: 10.1111/j.1559-1816.1980.tb00730.x
- Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1981). The effects of mass media exposure on acceptance of violence against women: A field experiment. *Journal of Research in Personality*, 15, 436-446. Doi: 10.1016/0092-6566(81)90040-4
- Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1983). Sexual arousal to rape depictions: Individual differences. *Journal of Abnormal Psychology*, 92, 55-67. doi:10.1037//0021-843X.92.1.55
- Malamuth, N. M., Check, J. V. P., & Briere, J. (1986). Sexual arousal in response to aggression: Ideological, aggressive and sexual correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 330-340. doi:10.1037//0022-3514.50.2.330
- Malamuth, N. M., Haber, S., & Feshbach, S. (1980). Testing hypotesis regarding rape: Exposure to sexual violence, sex differences, and the "normality" of rapists. *Journal of Research in Personality*, 14, 121-137. doi:10.1016/0092-6566(80)90045-8

- Malamuth, N. M., Hald, G. M., & Koss, M. P. (2012). Pornography, individual differences in risk and men's acceptance of violence against women in a representative sample. *Sex Roles*, 66, 427–439. doi:10.1007/s11199-011-0082-6
- Malamuth, N. M., Heavey, C. L., & Linz, D. (1996). The Confluence Model of Sexual Aggression. *Journal of Offender Rehabilitation*, 23(3), 4, 13-37. DOI: 10.1300/J076v23n03_03
- Malamuth, N. M., Heim, M., & Feshbach, So (1980). Sexual responsiveness of college students to rape depictions: Inhibitory and desinhibitory effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 399-408. doi:10.1037/0022-3514.38.3.399
- Malamuth, N. M., & Thornhill, N. W. (1994). Hostile masculinity, sexual aggression, and genderbiased domineeringness in conversations. *Aggressive Behavior*, 20, 185-193. Doi: 10.1177/0306624X13481941
- Marsh, A. A., Finger, E. C., & Schechter, J.C., Jurkowitz, I. T., Reid, M. E., & Blair, R. J. R. (2011). Adolescents with psychopathic traits report reductions in physiological responses to fear. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52, 834–841. doi:10.1111/j.1469-7610.2010.02353.x
- Marshall, W. L., Seidman, B. T., & Barbaree, H. E. (1991). The effects of prior exposure to erotic and nonerotic stimuli on the rape index. *Annals of Sex Research*, 4, 209–220. doi:10.1007/BF0085005
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1990). *Personality in adulthood*. New York: The Guilford Press.
- McKibben, A., Proulx, J., & Lusignan, R. (1994). Relationships between conflict, affect, and deviant sexual behaviors in rapists and child molesters. *Behavior Research and Therapy*, 32, 571-575. doi:10-1007/BF02260164
- Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2003). Psychopathy and the five-factor model of personality: A replication and extension. *Journal of Personality Assessment*, 81, 168–178. Doi: 10.1002/per.1855
- Miner, M. H. (2002). Factors associated with recidivism in juveniles: An analysis of serious juvenile sex offenders. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 39, 421-436. doi:10.1177/002242702237287
- Mosher, D. L., & Katz, H. (1971). Pornographic films, male verbal aggression against woman, and guilt. In *Technical of the Comission on Obsenity and Pornography* (Vol. 8, pp. 357-379). Washington DC: US Government Printing Office

- Murray-Close, D., Holland, A. S., & Roisman, G. I. (2012). Autonomic arousal and relational aggression in heterosexual dating couples. *Personal Relationships*, 19, 203–218. doi:10.1111/j.1475-6811.2011.01348.x
- Owens, E. W., Behun, R. J., Manning, J. C., & Reid, R. C. (2012). The impact of internet pornography on adolescents: A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 19, 99–122. doi:10.1080/10720162.2012.660431
- Peabody, D., & Goldberg, L. R. (1989). Some determinants of factor structures from personality trait descriptors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 552-567. doi:10.1037//0022-3514.57.3.552
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2006). Adolescents' exposure to sexually explicit material on the internet. *Communication Research*, 33, 178–204. doi:10.1177/0093650205285369
- Purdie, M., Abbey, A., & Jacques-Tiura, A. (2010). Perpetrators of intimate partner sexual violence: Are there unique characteristics associated with making partners have sex without a condom? *Violence Against Women*, 16, 1086–1097. doi:10.1177/1077801210382859
- Reid, R. C., Garos, S., & Carpenter, B. N. (2011). Reliability, validity, and psychometric development of the Hypersexual Behavior Inventory in an outpatient sample of men. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 18, 30-51. doi:10.1080/10720162.2011.555709
- Robertson, C. A., & Knight, R. A. (2014). Relating sexual sadism and psychopathy to one another, Non-Sexual violence, and sexual crime behaviors. *Aggressive Behavior*, 40, 12-23. doi:10.1002/ab.21505
- Rosen, RC., & Beck, J.G. (1988). Patterns of sexual arousal [Social and ethical concerns in sexual psychophysiology]. New York: the Guilford Press.
- Sabina, C., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2008). The Nature and dynamics of internet pornography exposure for youth. *Cyberpsychology & Behavior*, 11, 1-3. Doi: 10.1089/cpb.2007.0179
- Sapolsky, B. S. (1984). Arousal, affect, and the aggression moderating effect of erotica. In Malamuth N. M. & Donnerstein E. (Eds.), *Pornography and Sexual Aggression*, (pp. 85-114). New York: Academic Press.
- Seto, M. C., Maric, A., & Barbaree, H. E. (2001). The role of pornography in the etiology of sexual aggression. *Aggression and Violent Behavior*, 6, 35–53. doi:10.1016/S1359-1789
- Skeem, J. L., Miller, J. D., Mulvey, E., Tiemann, J., & Monahan, J. (2005). Using a five-factor lens to explore the relation between personality traits and violence in psychiatric patients.

Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73, 454–465.

<https://doi.org/10.1037/0022-006X.73.3.454>

- Swaffer, T., Hollin, C., Beech, A., Beckett, R., & Fisher, D. (2000). An exploration of child sexual abuser's fantasies before and after treatment. *Sexual Abuse*, 12, 61-68. doi:10.1023/A:1009516005210
- Tellegen, A., Watson, D., & Clark, L. (1999). On the dimensional and hierarchical structure of affect. *Psychological Science*, 10, 297-303. doi: 10.1111/1467-9280.00157
- Vega, V., & Malamuth, N. M. (2007). Predicting sexual aggression: The role of pornography in the context of general and specific risk factors. *Aggressive Behavior*, 33, 104–117. doi:10.1002/ab.20172
- Voller, E. K., & Long, P. J. (2010). Sexual assault and rape perpetration by college men: The role of the big five personality traits. *Journal of Interpersonal Violence*, 25, 457-480. doi:10.1177/08886260509334390
- Ward, T., & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, 11, 44-63. doi:10.1016/j.avb.2005.05.002
- Ward, T., & Siegert, R. (2002). Toward a comprehensive theory of child sexual abuse: A theory of knitting perspective. *Psychology, Crime, and Law*, 9, 319-351. doi:10.1080/10682160208401823
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. doi: 10.1037/0022-3514.54.6.1063
- Wright, P. J. (2011) Mass media effects on youth sexual behavior assessing the claim for causality. *Annals of the International Communication Association*, 35, 343-385. doi:10.1080/23808985.2011.11679121
- Wright, P. J. (2013). U.S. males and pornography, 1973–2010: Consumption, predictors, correlates. *Journal of Sex Research*, 50, 60-71. doi:10.1080/00224499.2011.628132.
- Wright, P. J., & Tokunaga, R. S. (2015). Men's objectifying media consumption, objectification of women, and attitudes supportive of violence against women. *Archives of Sexual Behavior*, 45, 955-964. doi:10.1007/s10508-015-0644-8
- Wright, P. J., Tokunaga, R. S., & Kraus, A. (2016). A meta-analysis of pornography consumption and actual acts of sexual aggression in general population studies. *Journal of Communication*, 66, 183-205. doi:10.1111/jcom.12201

- Ybarra, M. L., & Mitchell, K. J. (2005). Exposure to internet pornography among children and adolescents: A national survey. *CyberPsychology and Behavior*, 8, 473–486. doi:10.1089/cpb.2005.8.473
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Hamburger, M., Diener-West, M., & Leaf, P. J. (2011). X- rated material and perpetration of sexually aggressive behavior among children and adolescents: Is there a link? *Aggressive Behavior*, 37, 1–18. doi:10.1002/ab.20367
- Zillmann, D., & Bryant, J. (1984). Effects of massive exposure to pornography. In N. M. Malamuth & E. Donnerstein (Eds.), *Pornography and Sexual Aggression* (pp. 115-138). New York: Academic Press.